

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## LOCALIZAÇÃO DAS CASSITÉRIDES E OESTRYMNIDES.

MONTEAGUDO, Luís

Ano: 1957 | Número: 67

---

### Como citar este documento:

MONTEAGUDO, Luís, Localização das cassitérides e oestrymnides. *Revista de Guimarães*, 67 (3-4) Jul.-Dez. 1957, p. 372-416.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Localização das Cassitérides e Oestrymnides (\*)

PELO DR. LUÍS MONTEAGUDO  
do Inst. de Arq. «Rodrigo Caro» (Madrid)

## I — Bibliografia: sua análise e objecções

Muito e divergentemente se tem escrito já, desde o século XVIII, sobre a localização das Ilhas Cassitérides, que eram, para os gregos, púnicos e romanos, as ilhas do estanho, das quais extraíam essa matéria prima de transcendente importância para o fabrico do seu armamento e utensílios.

As soluções apresentadas são díspares, devido, em primeiro lugar, à relativa obscuridade das fontes, mas especialmente porque os críticos modernos não têm operado sob um conhecimento suficiente do abundante material de investigação: de História e de Geografia, manejadas exaustiva e conjugadamente, de Cartografia, Filologia e crítica de textos, de Geologia e, inclusivamente, de psicologia comercial, não somente relativa a uma determinada região, senão a toda a Europa atlântica. Foi um trabalho de conjunto desta natureza que procuramos realizar, na medida das nossas forças e no decurso de bastantes

---

(\*) *Nota da Red.* Apesar de uma parte deste artigo já ter sido recentemente publicada na Revista madrilena «Emérita» (vol. XXV, 1957, págs. 14-32) não tivemos dúvida em reproduzi-lo, agora vertido para português e oferecido pelo Autor à «Revista de Guimarães», dado o interesse do assunto para os estudiosos portugueses, e a conveniência de contribuir para a maior expansão de trabalhos desta natureza, elaborados com inextinguível método e segurança crítica, e baseados numa sólida erudição e cultura científica. Ao seu ilustre Autor, Sr. Dr. Luís Monteagudo, do Instituto de Arqueologia «Rodrigo Caro», de Madrid, dirigido pelo insigne Professor Dr. António Garcia y Bellido, agradecemos a deferência concedida ao órgão cultural da Sociedade Martins Sarmento.

anos de estudos. Julgamos assim ter contribuído para a solução do problema, especialmente por havermos provado que, na sua grande maioria, as fontes não se contradizem, como à primeira vista pode parecer e quase todos os autores afirmam, mas, pelo contrário, apresentam um significado unitário, tendente a situar as referidas ilhas na costa dos Artabros, a NO. da Corunha.

Não temos, contudo, a pretensão de considerar o problema totalmente resolvido, visto que frequentemente as fontes não permitem mais do que apresentar possibilidades ou probabilidades.

Podemos agrupar os tratadistas modernos acerca das Cassitérides do seguinte modo :

1.º) *Os que consideram pura fábula todas as notícias sobre estas ilhas*, por ex. Haverfield (1), que escreve: «Sie sind einfach die älteste, sagenhafte Benennung der westeuropäischen Zinnlager gleichviel ob in Spanien oder sonstwo».

2.º) *Os que creem que as ilhas Cassitérides são, na realidade, uma terra firme*, situada no Ocidente da Europa, por ex. E. Hernandez-Pacheco (2), que, ao estudar as rochas eruptivas ácidas que contêm a cassiterita e formam uma extensa orla no ocidente da Península, acrescenta: «Esta es la tierra del estaño que, fuera de la Península, salta a los territorios atlánticos de Bretaña y de la península de Cornuailles en Inglaterra. Conjunto de países que constituirían las Casitéridas, nada insulares, pues salvo la citada península, que forma parte de la mayor de las Islas Británicas, todo está en tierra tan firme como lo estubo la fantástica insula Barataria, que con tanto acierto gobernó Sancho». É esta uma generalização que indiscutivelmente assenta numa base geológica, mas que não vemos possibilidades de

(1) *Real-Encyklop. der classischen Altertumswissenschaft*, por Pauly-Wissowa, art. *Κασσιτερίδες*, t. X, 2, col. 2328-2332.

(2) E. Hernandez-Pacheco «La Península Hispanica en los tiempos históricos» in *Historia de España*, dirigida por Menendez Pidal, Madrid 1947, I, 1, 43-44.

provar mediante as fontes literárias, cuja maioria adjudica às Cassitérides uma localização concretamente insular, e em relação com um território muito menos extenso do que pretende Hernández-Pacheco.

3.º) *Os que afirmam a existência das ilhas num lugar preciso e determinado*, por ex. no SO. de Inglaterra segundo K. Müller<sup>(1)</sup> e C. Jullian<sup>(2)</sup>. Esta teoria foi seguida recentemente por R. Dion<sup>(3)</sup>, que situa as Cassitérides nas Scilly; todavia o mesmo Dion apresenta uma pergunta perspicaz — que apesar de favorável à nossa tese, não nos havia ainda ocorrido — a qual, perante a sua localização das Oestrýmnides e Cassitérides, respectivamente na foz do Loire e nas Scilly, fica sem resposta, mas que aliás não tem razão de ser se situarmos essas Ilhas a NO. da Corunha: «Pouvait-on, à Athènes et à Rome, ne pas s'apercevoir qu'il existait un moyen d'atteindre cet archipel par une route plus courte, coupant à travers le continent, un moyen de déjouer Carthage et de devancer sur les marchés de l'étain, en traversant, depuis Marseille ou Narbonne jusqu'aux rives de la Manche, ce que Strabon appelle d'un mot qui devait faire fortune — *l'isthme gaulois* ?». Com efeito, se as Ilhas Cassitérides fossem na Bretanha ou no Cornwall, de nada teria valido aos púnicos proibirem a passagem pelas Colunas de Hércules, uma vez que um trajecto mais curto do que o marítimo consistiria em utilizar o Loire, a partir de Nantes, ou algum dos seus afluentes da margem esquerda, para depois seguir pelo Ródano, desde Lyon ou Valence; este caminho acompanharia aproximadamente a via romana de *Portus Nemnetum, Limonum, Augustonemetum, Lugudunum, Vienna, Valentia, Arausio, Arelate, Aquae Sextiae e Massilia*. Tal

(1) K. Müller, *Claudii Ptolemaei Geographia*, Didot, Paris 1883, II 6, 73.

(2) C. Jullian, *Histoire de la Gaule*, I 387.

(3) R. Dion, «Le problème des Cassitérides», *Latomus*, Bruxelles, 3 1952, 306-314. Vide a nossa crítica deste trabalho em «Oestrýmnides y Cassitérides en Galicia», *Emerita* XXI, 1954.

impossibilidade de proibição, aliás bem posta por R. Dion, constitui todavia mais uma razão para excluirmos a Bretanha e o Cornwall do problema das Cassitérides, sendo uma das provas mais fortes da nossa localização das ditas Ilhas na costa noroeste corunhesa. Por outro lado, o facto de as Scilly começarem a ver-se desde o Cabo Landsend dá lugar a outra objecção séria contra a identificação destas com as Cassitérides; com efeito, como acertadamente nota Haverfield, «seria impossível descobri-las sem avistar imediatamente a terra firme»; e, como consequência, as Cassitérides não seriam então relacionadas com o Porto das Ártabros, mas sim com o Cabo Bolerion <sup>(1)</sup>, ou com o território dos *Dumnonii* da Cornualha.

O sábio beneditino pontevedrés P.<sup>o</sup> Sarmiento <sup>(2)</sup> foi o primeiro que situou as Cassitérides nas ilhas que defendem e embelezam as paradisíacas rias de Arosa (Ilha de Sálvora), de Pontevedra (Ilha de Ons) e de Vigo (Ilhas Cíes, Sies no país). Poucos anos depois de ele, o nosso concidadão Cornide (v. infra) desenvolveu esta teoria num livro, teoria que foi perfilhada por Garcia de la Riega, em princípios do século actual, e por Holder <sup>(3)</sup>. Relativamente a esta localização é interessante notar que Murguía <sup>(4)</sup> alude efectivamente a restos de minas na Ilha de Cortegada (Carril), como também há notícias de explorações antigas e modernas na de Ons, o que leva a dar razão a Sarmiento e a Cornide. A enorme quantidade de machados de talão, do Bronze III-IV, além de outros objectos de bronze encontrados nas referidas rias, é mais uma contraprova da antiguidade e intensidade da exploração das suas aluviões esta-

---

(1) V. *Real-Encyklopädie* cit., col. 2331. O Cabo Bolerion, actual Landsend, também foi chamado *Antivestaeum*, por estar em frente aos Ὀστροίων da Bretanha, mencionados por Píteas. Vide *Ptol.* cit. II 3, 2.

(2) Fr. Martin Sarmiento, *Onomástico etimológico*, Ms. de meados do século XVIII, publicado em Tuy 1926, cap. 845.

(3) A. Holder, *Alt-keltischer Sprachschatz*, Leipzig-Berlin (Teubner) 1892-1911, s. v. «Kassiterides».

(4) Murguía, *Historia de Galicia*, 1.<sup>a</sup> ed. Coruña 1866, 70.

níferas (1). Todavia, com relação ao topónimo Cassitérides, há que objectar que Plínio (2) cita as ilhas de Cortegada e Ons pelos seus respectivos nomes: *Cileni. Ex insulis nominandae Corticata et Aunios*, ao mesmo tempo que, noutros passos (3) (v. infra), cita claramente as Cassitérides, o que parece indicar que estas seriam distintas das de Cortegada e Ons. Tal distinção é corroborada por Estrabão (4) (v. infra) e por Ptolomeu, os quais situam nitidamente as Cassitérides, ou pelo menos o seu ponto médio, a N. do Porto dos Ártabros (Duyo, Finisterra).

L. Siret (5), opina que os celtas do estanhofero Erzgebirge, na Saxónia, contornado pela rota do âmbar (Brenner-Moldau-Elba), foram os primeiros exploradores do estanho europeu, e que as Cassitérides correspondem às ilhas de Morbraz, na costa do Morbihan. Concedámos ao ilustre escavador de El Argar que os portos de embarque do estanho bretão, praticamente o de La Vileder (Josselin, Morbihan), fossem realmente nas ilhas de Morbraz; contudo, também poderiam estar na de Houat, Hoedic, ou na Belle-Île-en-Mer, de 12 quilómetros de comprimento. Em compensação, é totalmente impossível que esses portos de embarque estivessem na Ilha de Ouessant, como querem muitos, pois nem aí, nem em todo o departamento de Finistère, que lhe fica fronteiro, existe estanho.

Também neste mesmo grupo de investigadores temos de considerar-nos a nós próprios incluídos, pois situamos as Cassitérides, que muito provavelmente são as mesmas ilhas designadas por Oestrýmnides, na costa noroeste corunhesa.

(1) L. Monteagudo, «Hachas de talón», *Boletim do Grupo Alcaides de Faria*, Barcelos 1951.

(2) Plínio, *Nat. Hist.* IV 111.

(3) Idem, *ibidem*, IV 119 e VII 197.

(4) Estrabão, *Geographica*, ed. Meinecke, Teubner, Leipzig, 1921, II 5, 15 e III 5, 11.

(5) L. Siret, «Les Cassitérides et l'Empire Colonial des Phéniciens» *L'Anthropologie* 1910, 129. «Les premiers celtes en Espagne», *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*. Madrid 1934, I 93.

Schuchhardt (1) supõe que as primeiras tentativas para se conseguir o bronze se teriam efectuado na Cornualha, onde da mesma mina se extraem 26 a 30 % de cobre e 26 a 29 % de estanho. Contudo, em face de umas pontas de seta galegas do tipo Palmela, datadas do Bronze-Ia (1900-1200 a. C.), ao que parece fabricadas de bronze, em contraste com todas as outras do mesmo tipo do resto da Península, da Bretanha e da Inglaterra, que são de cobre, demonstramos (2) que provavelmente a metalurgia ocidental do bronze teria origem na Galiza, como aliás era de esperar dada a enorme abundância de estanho nesta região. Também ali abunda o cobre, posto que não tanto como o estanho mas até por vezes nas proximidades deste minério, nas províncias da Corunha, Lugo e Orense, e no NO., E. e SO. de Portugal. A mina de Abarqueira (Cerdido, Corunha) apresenta vestígios de exploração antiga, e perto de Grândola (50 quilóm. a SE. de Setúbal) encontrou-se um machado de talão (3).

4.º) *Os partidários da «peregrinação secular das Cassitérides»*, teoria esta com muitos adeptos, como todas as ecléticas. Este grupo de investigadores reparte-se do seguinte modo:

a) Os que creem que tal «peregrinação» se tenha dado de sul para norte, isto é, que antes da batalha de Alalia (537 a. C.?) se chamaram Cassitérides às costas ocidentais da Galiza e ilhas próximas, passando em seguida este nome à Armórica e suas ilhas, e mais tarde, já na época romana, designando-se assim a Grã-Bretanha, que indiscutivelmente exportou estanho para o Mediterrâneo romano, segundo claramente afirmam Estrabão (4) e Diodoro (5),

(1) C. Schuchhardt, *Alteuropa. Die Entwicklung seiner Kulturen und Völkern*, 4.ª ed., Berlin 1944, 214.

(2) L. Monteagudo, «Metalurgia hispana de la Edad del Bronce, con especial estudio de Galicia y norte de Portugal», *Caesaraugusta*, Zaragoza 1954, 4, 78. E também a nossa *Prehistoria de Galicia*, no prelo.

(3) L. Monteagudo, «Met. hisp.» cit. 71 e 78.

(4) *Estr.* III 2, 9.

(5) *Diodoro* V 38, 4.

e ilhas adjacentes. Perfilharam esta teoria H. Obermaier <sup>(1)</sup> e Serpa Pinto <sup>(2)</sup>.

A. Garcia y Bellido <sup>(3)</sup> também é partidário da existência real das ilhas Cassitérides, posto que até hoje os textos não permitam a sua localização com segurança; para ele estas ilhas seriam, de começo, as situadas no NO. de Espanha, mas o estanho depressa ali se teria esgotado, porque era extraído apenas da lavagem das areias: « Tal agotamiento, más o menos completo debió de acaecer ya a comienzo de nuestra Era, precisamente cuando las conquistas y el comercio romanos habían descubierto los ricos yacimientos estanníferos de la Bretaña francesa y la península de Cornualles, al SO. de la gran isla británica. Fué entonces cuando se empezó a confundir el viejo mercado del NO. de España con el nuevo de Bretaña e Inglaterra, trasladándose, insensiblemente, la localización de las Kassitérides hacia el N. Allí también existían otras islas en las que se comerciaba el estaño; éstas eran las llamadas Oestrýmnides ya desde muy antiguo, una de las cuales era acaso la que Strábon dice Ouxisame (actual Ouessant), visitada por Pytheas, en el extremo occidental de la península de Bretaña ».

C. Torres <sup>(4)</sup> sustenta aproximadamente a mesma opinião de Garcia y Bellido. Blázquez <sup>(5)</sup>, errando especialmente nas localizações, é de opinião: 1) que os sámios foram os primeiros que descobriram o

(1) H. Obermaier, « Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia », *Boletín Arqueológico de la Comiston Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense*, VII 1923, 1 e ss.

(2) R. Serpa Pinto, « Activité minière et métallurgique pendant l'Age du Bronze en Portugal », *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, XVIII 1933, 5.

(3) A. Garcia y Bellido, « Navegantes y geógrafos griegos en España », *Revista de Estudios Geográficos*, II 1941. *La Península Ibérica en los comienzos de su historia*, Madrid 1953, 208.

(4) Casimiro Torres, « Las Kassitérides », *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Santiago de Compostela, IV 1945, 632.

(5) A. Blázquez, *Las Casiterides y el comercio del estaño en la Antigüedad*, Madrid 1915.

estanho e a fundição, cerca do ano 600 a. C. (p. 14 e 15), após a viagem de Coleo de Samos a Tartessos; 2) que Hércules «significa el héroe Coleos» (p. 15); 3) que os gregos, segundo Avieno (v. 259 e 290) deram ao estanho o nome de *Cassiteros*, que tomaram do Monte *Cassio*, na Bética, provavelmente assim chamado devido à *cassia* (loureiro, em grego; p. 16); 4) que as *Oestrymnides* de Avieno, v. 95, foram, até o séc. IV, as ilhas do Cabo de Santa Maria, em frente a *Ossónoba* (Faro, Algarve), de onde, segundo o escritor árabe al-Maccari, se explorava o estanho em seus tempos (p. 16); 5) que as referidas *Oestrymnides* do Cabo de Santa Maria foram chamadas Cassitérides desde o séc. II a. C., e o *promontorium Oestrymnicum* (Cabo de S. Vicente ou, para Schulten, Pointe de St. Mathieu) <sup>(1)</sup>, *promontorium Sacrum*; 6) que só na época romana existiram os jazigos mais importantes no país dos Artabros, onde os escritores de então situam as Cassitérides, posto que no SO. da Península Ibérica continuasse a exploração do estanho (p. 42 e 55).

G. Bonsor <sup>(2)</sup> crê que os tartéssios, inicialmente, extrairam o estanho das aluviões da região, e depois «they got it over the *véredos*, the old worn cattle-pasture-roads over which the Iberian peasant, folowed by his flocks or herds, was obliged to bring to the seaports the gold and tin of the centre and northwest of the Peninsula—region them unknown to the Mediterranean navigator». Contudo, para ele, que se baseia em Blázquez, as Ilhas do Estanho parece estarem indicadas pela *Ora Maritima* um tanto a E. do Promontório Sagrado ou *Oestrymnis*, actual Cabo de S. Vicente, no *Sinus Atlanticus*, entre o Cabo de S. Vicente e Mazagão, a SO. de Rabat, que não deve confundir-se com o outro *Sinus Atlanticus*, no qual, segundo o Périplo, ninguém havia navegado.

(1) *Fontes Hispaniae Antiquae* I, 84.

(2) G. Bonsor, «From Tarshish to the Isles of Tin», *Art and Archaeologia* 1928, 10.

b) Os que opinam que a «peregrinação» teve lugar de norte para sul. Schulten (1) situa as Ilhas Cassitérides, nos primeiros tempos, entre as ilhas de Sein (8 quil. a O. da Pointe du Raz) e de Oues-sant, região onde, segundo Siret (2), ainda hoje se encontra estanho, e acrescenta: «as Cassitérides de Herodoto (3,115) ou são estas ou as Britânicas; em tempos posteriores chamaram-se Cassitérides as ilhas situadas em frente da costa dos Ártabros». Nós percorremos o Finistère bretão e não encontramos prova alguma da existência de estanho naquele departamento; é indiscutível, porém, que o florescente Bronze III-IV armoricano (machados de talão, machados e pontas de lança de alvado, espadas de lingueta vasada, etc.) se deve à exploração do estanho bretão e do Charente, cujas jazidas conhecidas são: 1) A de Viledor (Josselin, Ploërmel, Morbihan), cristalizado de várias formas, em filão de quartzo silúrico, de orientação aproximadamente igual à de Cornwall, que apresenta restos de antigas explorações, consideradas como tendo durado desde o Bronze médio até o Ferro inicial, e que provavelmente teriam sido abandonadas devido à concorrência do estanho calaico (3). 2) Penestin (que em bretão, significa Cabo do Estanho) a O. SO. de La Roche Bernard, e a S. da foz do Vilaine, com aluviões estaníferas e algum ouro (4). 3) Albaretz (O. SO. de Nantes) (5), com estanho e algum ouro. Com respeito à exploração do estanho em Penestin e Albaretz, é necessário ter em conta que a absoluta carência de achados

(1) *Fontes Hispaniae Antiquae* I, 85.

(2) V. *L'Anthropologie* 1910, 142.

(3) R. J. Forbes, *Metallurgy in Antiquity. A Notebook for Archaeologists and Technologists*, Leiden 1950, 242.

(4) A. Doubrée, «Aperçu historique sur l'exploitation des métaux en Gaule», *Revue Archéologique* 1868, 306.

C.te de Limur, *Catalogue raisonné des minéraux du Morbihan*, Vannes 1884, 39.

J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine*, Paris 1910-14, II, 95.

(5) Comunicação do Comandante Baudré, Vannes. Mr. Roy, conservador do Museu Daubrée, Nantes, assegurou-nos que era esta a maior jazida da Europa.

antigos nesses lugares induz a pensar que tal exploração seja relativamente moderna. Haverfield (1) diz desconhecer notícias seguras acerca da exploração do estanho bretão, e é de opinião que provavelmente tais explorações, como as da Irlanda e Campiglia Marítima (em frente à Ilha de Elba) foram sempre, como hoje, pouco importantes.

II — Ptolomeu, fonte principal. As suas Cassitérides e o Porto dos Ártabros. A nossa teoria.

Ptol. II 6, 73; «*In Occidentali Oceano Cassiterides insulae decem, quarum pars media sita est 4° 45' 30'.*».

Com três quartos de probabilidade localizámo-las em dez das ilhas ou ilhéus que existiram, ou existem ainda, algumas ligadas à terra firme por uma língua de areia, na costa NO. corunhesa, a partir das Ilhas Lobeiras, a SE. de Fisterra, na enseada de Corcubión, até a Ilha, hoje península, de *Brigantia*, actualmente La Coruña. Entendemos que, por extensão, deve aqui incluir-se a região costeira próxima das referidas ilhas e ilhéus, a qual era precisamente a que fornecia o estanho. Atendendo à inegável falta de precisão das fontes, julgamos possível, mas não provável, que as Cassitérides incluíssem, além das ilhas corunhesas, as da costa de Pontevedra (Cortegada, Sálvora, Ons e Cíes), onde inclusivamente as situaram o P.º Sarmiento, Cornide e Garcia de la Riega (v. supra, onde apresentamos provas e objecções).

A chave mais segura e científica para localizarmos as Cassitérides consiste em relacioná-las com o Ἀρτάβρων λιμήν (*Artabrorum portus*) de Ptolomeu (2), visto que essa localização se baseia em conclusões matemáticas referentes a uma zona em que, por ser muito visitada pelo comércio antigo, tais cálculos são dignos de crédito, chegando por vezes,

(1) *Real-Encyklopädie* cit., t. 10, 2, col. 2329.

(2) *Ptol.* cit., II 6, 2.

inclusivamente, a apresentar uma exactidão absoluta. Outro texto comparável em segurança ao de Ptolomeu <sup>(1)</sup> é o de Estrabão <sup>(2)</sup> (v. infra), que situa as «dez ilhas» «a N. do Porto dos Ártabros» (porto que a grande maioria dos autores coloca erradamente em La Coruña, por não terem estudado atentamente Ptolomeu). Ambos os textos coincidem admiravelmente um com o outro, e com a realidade, pois nos nossos artigos «Galicia en Ptol.» <sup>(3)</sup> e «Cassit.» <sup>(4)</sup> demonstramos, com segurança quase absoluta (à certeza absoluta só muito raramente chegam aqueles qua se mantem prudentes em Filologia e Arqueologia), que o *Artabrorum portus* de Ptolomeu e de Estrabão corresponde à antiga cidade submersa (<ad-sub-lacata, segundo a lenda) de Duyo, situada numa paradisíaca praia, um quilómetro a N. de Fisterra.

As restantes fontes tendem a confirmar esta localização das ilhas, posto que de maneira menos concreta; mas, ainda mesmo que excessivamente vagas, pelo menos não se opõem a ela. As Cassitérides de Ptolomeu e de Estrabão temos, portanto, de as procurar a N. e não muito distantes de Duyo, na costa noroeste corunhesa.

É necessário considerar que Ptolomeu não nos dá a situação exata das dez ilhas, mas apenas o ponto médio do agrupamento: ὡν τὸ μεταξὺ ἐπέχει μοίρας. Supomos que este modo de localização parece indicar que as ilhas estariam mais ou menos distanciadas umas das outras, e eram tão pequenas que nem mereciam ser designadas por nomes próprios.

Com a nossa semi-correcção 3.<sup>a</sup> do artigo «Carta de Coruña romana» <sup>(5)</sup> obtivemos um ponto avan-

(1) *Ptol.* cit., II 6, 73.

(2) *Estr.* cit. III 5, 11.

(3) L. Monteagudo, «Galicia en Ptolomeo. La Costa», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, VII 1947, 609.

(4) L. Monteagudo, «Cassitérides», *Emerita* XVIII 1950, 1-17.

(5) L. Monteagudo, «Carta de Coruña romana—I. Interior», *Emerita* XIX 1951, 201.

çado no mar, 18 quilómetros a N. NO. do Cabo Vilaño, onde não existe, nem pode ter existido em época histórica ilhéu algum.

Encontra-se porém esse ponto a 50, 53 e 67 quilómetros respectivamente de Carballo, Santa Comba e Noya, que são as três zonas da Península mais ricas em estanho; além disso, a uns 4 quilómetros apenas a N.E. e E. do Cabo Vilaño existem os filões de volfrâmio e de estanho de Brañas Verdes, Brea e Xaviña (Camariñas), que se revelaram bastante ricos, especialmente no início da sua exploração, cerca do ano de 1940. Posto que não tão intensa e continuamente, também se explora o estanho, quase sempre misturado com volfrâmio, nos distritos de O. e S.O. da província da Corunha: Agualada, Arteixo, Carnota, Coristanco, Dumbria, Mazaricos, Puebla de Caramiñal e Vimianzo. De todas as jazidas que pudemos investigar, especialmente no N.O. hispânico (só na província da Corunha 18 localizações.) tratamos amplamente a págs. 87 ss. do nosso trabalho «Metalurgia hispana».

Parece-nos oportuno resumir aqui o nosso extenso trabalho sobre a localização destas ilhas (1), acrescido de novos dados recolhidos posteriormente, comprovativos da nossa localização.

Foi também como nós um corunhês, o célebre erudito Cornide Saavedra, quem, já em 1790, rebatendo a opinião de estrangeiros e seus seguidores espanhóis, que situavam as Cassitérides nas Sorlingas (em inglês Scilly), ou na de Ouessant, do Cabo de S. Mateus, na Bretanha, as restituiu aos mares da Galiza, localizando-as nas rias de Pontevedra (2).

Pouco depois, no mesmo ano de 1790, acerca do mesmo tema e com as mesmas conclusões, apareceu a obra, que cita a de Cornide, de Miguel Ignacio Quintero: *Disertación crítico-topográfica de las Cassiterides, restituidas a su verdadero sitio*

(1) L. Monteagudo, «Cassit.» cit., *Emérita* 1950.

(2) *Las Cassiterides o Islas del Estañõ restituidas a los mares de Galicia . . . por Joseph Cornide, Honorario de la Real Academia de la Historia, vecino de la Coruña. Madrid . . . MDCCXC.*

por el inglés Cambdeno y otros sabios extranjeros... , Sevilla, Vázquez e Hidalgo 1790. De esta obra disse J. Villaamil y Castro: «está escrita con buen método y revela excelente crítica y vasta erudição en el A.» (1).

Supomos que às Cassitérides poderão corresponder algumas das actuais ilhas e ilhotas seguintes, parte delas hoje ligadas à terra firme por istmos de areia: 1) Ilhota do Cabo da Nave. 2) Ínsua do Herboso (500 metros a S. do Cabo Touriñan). 3) Os dois ilheus, um bastante maior do que o outro, adjacentes ao Cabo Vilaño. 4) A Ilha Forcados, da ponta Forcados. 5) As duas Baleas do Cabo Tosto ou Trece. 6) Cogada Grande do Cabo Veo. 7) As ilhotas Negra e Lombeiras, a N. de Arou, Camariñas (2). 8) A Meán de Traba, a N. de Mórdomo, Laxe, hoje ligada à praia, na maré baixa. O troço de uma possível via romana existe entre Camelle e Arou, pavimentada com lajes de 1,5m. de comprimento. 9) A Lataín de Soesto, Laxe. 10) As três Sisargas, a N. NO. de Malpica. 11) Os numerosos e extensos baixios de Baldayo, Carballo, com profundidades que vão até 10 metros, e que há dois milénios poderiam emergir 2 a 4 metros, tendo sido posteriormente arrasados pelo mar, muito batido nesta costa; ainda hoje sobressaem da água cinco pequenas cristas destes baixios, os quais se encontram apenas a 6 quilómetros a N. NE. do Monte Nemio ou Neme, abundantíssimo em estanho e volfrâmio, e procedente do qual pudemos ver, guardado na Repartição do Distrito Mineiro da Corunha, um capacete esférico de estanho, provavelmente romano, a julgar pelos fragmentos de cerâmica encontrados num antigo aglomerado de escórias, recentemente explorado, visto conter grande quantidade de volfrâmio. Conseguimos dese-

(1) J. Villaamil y Castro, *Ensayo de un catálogo sistemático y crítico de algunos libros, folletos y papeles así impresos como manuscritos que tratan en particular de Galicia*, Madrid 1875.

(2) O volfrâmio com alguma percentagem de estanho foi recentemente explorado a 1 quilómetro a N. de Camariñas, e em Brañas Verdes, 5 quilómetros a NE. de Camariñas.

nhar alguns fragmentos de ânfora, de fundo aguçado, que D. P. Abelenda, de La Coruña, possui. Os velhos do lugar recordam-se de neste monte Neme existir uma ermida e junto dela sepulturas de lousas de pedra, muito antigas. 12) As pequenas penínsulas actuais, onde assentam pitorescos povoados de pescadores, que outrora estariam pouco ou nada unidas à terra, por exemplo, Muxía, Laxe, Malpica. Precisamente temos notícia de que, pelo fim do verão de 1926 (?), em Muxía o mar subiu cerca de 3 metros, transformando novamente, durante vários dias, a pequena península onde assenta aquele povoado numa verdadeira ilha; o mar, enfurecido, arrojara à terra muitos congros e desmoronou várias casas. 13) É possível, inclusivamente, que La Coruña (A Cruña, em galego), hoje uma ponta de terra consolidada, embelezada e aumentada pela mão do homem, tivesse sidó, em tempos pré-romanos, a mais setentrional das Cassitérides.

Abonam esta nossa hipótese: a) As referências das fontes que, de um modo vago, situam estas ilhas a N. do Porto dos Ártabros <sup>(1)</sup>. b) O facto de Ptolomeu indicar apenas o ponto médio das ilhas. c) A grande probabilidade de o istmo constituído pelo antigo bairro da Pescadería, onde hoje se encontra a parte central da povoação, se ter formado, a partir da época romana, como barra exterior do rio Mero, pelas correntes opostas das marés vivas precedentes do Orzán e da actual baía, favorecidas estas pelas correntes, já atenuadas, do rio. Em Janeiro de 1949, devido às obras de pavimentação da rua Real, encontramos, a meio dela, vários tijolos e tégulas na areia da praia subjacente às lages da mesma rua. Em Março e Abril, à entrada dessa rua, continuaram a aparecer sepulturas feitas de tégulas, com a cobertura em duas vertentes <sup>(2)</sup>; uma casa pavimentada; uma ara (?) moldurada, e um muro sobre a areia, provàvelmente o que fechava a ilha pela parte de SO. d) A muralha

(1) Correspondendo a Duyo. Vide L. Monteagudo, «Carta de Coruña romana. II», *Émerita* XX, 1952, 471.

(2) Vide *La Voz Gal.* de 3 de Abril de 1949.

superior do Castro de Elviña (2 quilómetros a S. SO. da capital, e cuja escavação nos foi confiada no verão de 1947 pela Universidade de Santiago), com seus 4, <sup>m</sup>20 a 5 <sup>m</sup> de espessura e sua entrada defendida por dois torreões, parecer indicar que em seu interior se guardava algo de valor excepcional, que bem poderia ter sido o estanho ou o ouro, metal de que já então se havia encontrado um fragmento de pulseira, e, durante a campanha de 1953, outras valiosas e artísticas jóias castrejas (1). e) A nove quilómetros a S.O. de La Coruña, nas duas praias de Arteixo, haver, juntamente com volfrâmio, estanho de aluvião, que provavelmente foi explorado na época pré-romana, o que parece comprovar-se pela existência de numerosos castros vizinhos. Muito perto, nos montes das proximidades da Figueira (em cujo castro, numa recente prospecção mineira, foram encontradas casas circulares) existe volfrâmio e estanho em filão, de onde julgamos proceder o aluvial das referidas praias e o descoberto em 1949 no vale imediato a elas, a S.O. do balneário. Recentemente, em Armentón (2 quilómetros a O. de Arteixo) apareceram 10 machados de bronze, de talão, com duas asas, do tipo corunhês e nortenho (2), um dos quais com o cone de fundição, o que parece indicar ter sido fundido ali mesmo, ou perto. Em 1954 descobriram-se e exploram-se aluviões de estanho em Canzobre, a S.E. de Arteixo. f) Ao pé da Torre de Hércules, de La Coruña, num montão de entulhos onde havia à mistura cerâmica castreja, sigillata, tégulas, bronzes, etc., termos recolhido um pequeno fragmento de cerâmica cinzenta, com verniz negro, de pouco brilho, que interpretamos como cerâmica campaniense, trazida pelos legionários romanos que tomaram de assalto o Monte Medúlio (19 a. C.). g) Fernando Colón, no seu *Itinerario y Cosmografia de España* (1517-23) dizer

---

(1) Vide *El Ideal Gall.* de 2 de Novembro de 1953, e L. Monteagudo, «Joyas del Castro de Elviña (La Coruña)» *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1954, 236 ss.

(2) L. Monteagudo, «Hachas de talón» cit.

a respeito de La Coruña: «Está en llano, en un arenal que casi es isla, puesto que la cerca el mar, salvo por una parte» (1).

Outra possível antiga Cassitéride é a Lobeira Grande, a S.O. da foz do Xallas, que apresenta dois portos naturais (Porto de Arriba e Porto de Abaixo), onde ainda actualmente atracam os barcos de carga e descarga do peixe, com destino às fábricas de salga e conservas. O Porto de Abaixo é uma verdadeira bacia natural, com um quilómetro de N. a S., por 500 metros no sentido E-O, e a boca de 200 metros voltada a S. Este enfiamento da boca e a existência, a E. e NE. do porto, de uma altura que atinge uns 18 metros, protegem-no dos fortes ventos do NE. que sopram durante o verão. Além disso, quem transpõe a boca na direcção S. encontra logo mar aberto que lhe favorece a rápida saída do porto, com vento NE., precisamente o que é frequente no verão. Todas estas condições fazem supor que esta ilha possa ter sido a mais meridional das Cassitérides; e que, pela sua proximidade das ricas zonas estaníferas de Carballo, Santa Comba, Noya e S. Mamed de Carnota (esta muito perto), fosse um dos principais portos de exportação do estanho ártabro. Contra isto parece, à primeira vista, opor-se a indicação de as Cassitérides ficarem a N. do Porto dos Ártabros, que demonstramos corresponder à «cidade soterrada» de Duyo, 1 quilóm. a NE. de Fisterra (2). É necessário, porém, ter em linha de conta que Ptolomeu dá, a N. deste porto, o ponto médio de todo o agrupamento das ilhas, e não as próprias ilhas.

Quanto às restantes fontes clássicas, nenhuma se opõe, em rigor, a que uma destas ilhas, que ocupavam uma ampla extensão, estivesse situada 11 quilómetros a E. SE. do Porto dos Ártabros. Uma minuciosa exploração diria a última palavra.

(1) J. Ruiz Almansa, *La población de Galicia. 1500-1945*. I. Madrid 1948, I, 37.

(2) L. Monteagudo, «Carta de Coruña romana. II», cit., 471.

Poderia ainda admitir-se, posto que o julgemos muito menos provável, que a palavra *νησος*, ilha, aplicada às Cassitérides, tivesse o sentido de «península». Nesse caso as Cassitérides corresponderiam às numerosas pontas de terra e cabos que se recortam na costa corunhesa, em frente às ilhas atrás citadas, estas mesmo também incluídas na referida designação. Tomar-se-iam como testemunhos justificativos de tal interpretação:

1) Em grego, *νησος* ter em Sófocles, embora uma só vez, o sentido de «península» (1).

2) Avieno (2) verter para o latim este sentido insular da península da Moreia: «*Ophiussa porro tanta panditur latus / quantam iacere Pelopis audis insulam / Graiorum in agro*».

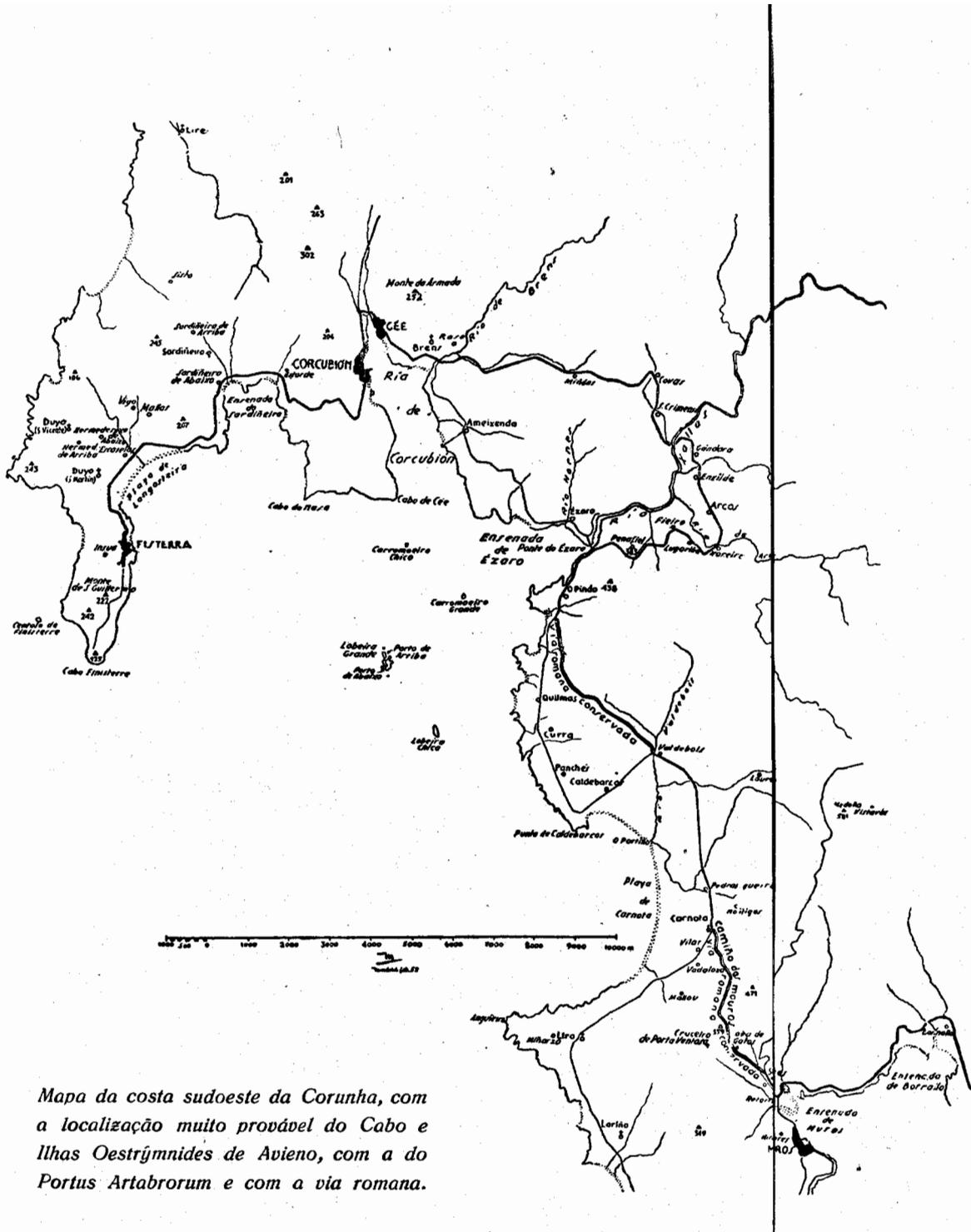
3) O topónimo A Ínsua (<*illa Insula*) ter com frequência, na província da Corunha, o sentido de «península», quer com referência à costa, quer a certas ribas fluviais quase que totalmente rodeadas pelo curso de um ou dois rios.

4) Para Borchardt (3) também a interpretação de uma península como ilha ser a causa do problema da localização da Atlântida: «Fué la Atlantida en el sentido de los antiguos geógrafos una gran «isla», y es menester recordar que aun no se había llegado a la distinción específica de isla y península. En la actualidad los árabes llaman a dicho territorio Gezireh el Maghrib, es decir «Isla del Oeste». Igualmente los egipcios utilizaban el vocablo «isla» aplicado a extensos oasis. Luego es lícito aplicar a la Atlántida la denominación platónica de «isla». Para Borchardt esta «ilha» era constituída por toda a África ocidental, e a única parte que se afundara no célebre terramoto (entre 1300 e 1200 a. C.) teria sido a ilhota habitável de Atlantis, junto a Gabes, no Pequeno Sirte.

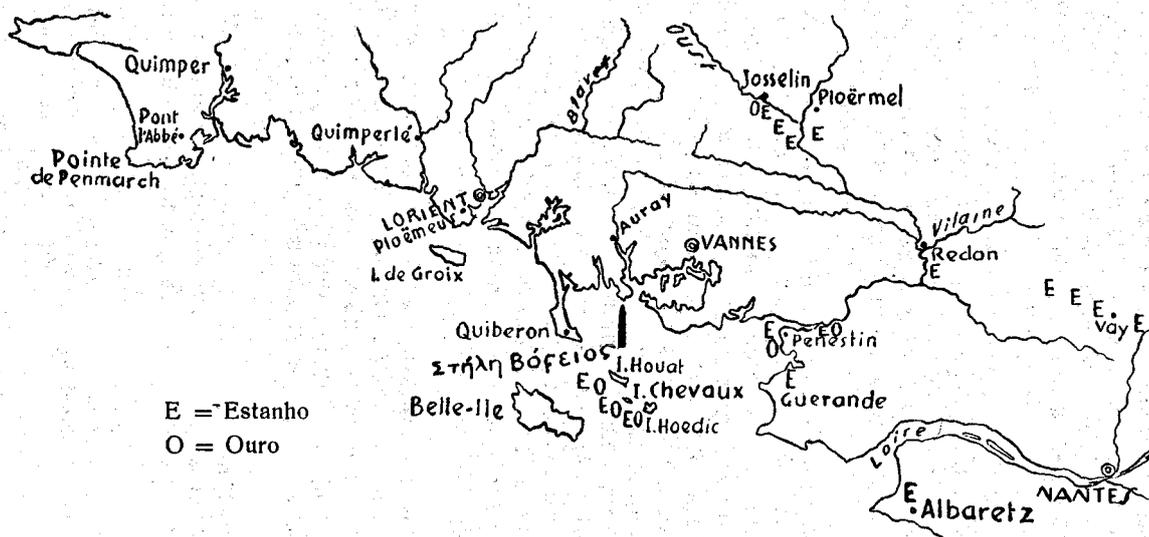
(1) Ed. de Col., 695.

(2) *Ora Maritima*, ed. Schulten de *Fontes Hispaniae Antiquae*, Barcelona 1927 I, v. 153.

(3) Paul Borchardt, «El problema de la Atlantida», *Investigación y Progreso*, Madrid 1927, 21.



Mapa da costa sudoeste da Corunha, com a localização muito provável do Cabo e Ilhas Oestrímnides de Avieno, com a do Portus Artabrorum e com a via romana.



Costa sul da Bretanha

## III— Objecções e sua anulação.

É certo que em nenhuma das ilhas ou ilhéus corunheses atrás citados se encontra, na sua constituição natural, o minério de estanho. Todavia isso não constitui uma séria objecção, que aliás se anula se considerarmos:

1) que o nome de *Καττιερίδες νήσοι* (em dialecto), ou *Κασσιτερίδες ν.* (em jónico, de onde derivou o latim *Cassiterides insulae*) significa, pelo sufixo *-ίδες*, ilhas Estánicas (relacionadas com o estanho) e não Estaníferas (produtoras de estanho), que neste caso seria *Καττιτερόφοροι* (1).

2) que, de facto, o topónimo *Cassitérides* pode ter sido interpretado, já na Antiguidade, no sentido de— «produtoras de estanho»; mas isso resultaria simplesmente de uma inexactidão geográfica, muito frequente em todos os tempos, a qual consiste em confundir o lugar de obtenção de um produto com o do seu embarque ou expedição. Incurrendo no mesmo erro diz Plínio (2) que o estanho britânico procede da Ilha *Vectis* (Wight), onde aliás ele não existe, e na qual nada mais se fazia, na realidade, do que embarcar o minério que era produzido na Cornualha. Igualmente os líbios vendiam o seu ouro na Ilha Cerne, motivo pelo qual esta também foi tida como aurífera (3).

À localização costeira das Cassitérides parece oporem-se várias fontes, que as situam no alto mar (*πελάγαια*). Consideramos, porém, sem fundamento uma tal deslocação, e facilmente explicável pelo segredo comercial púnico. Fundamentamos no seguinte esta nossa opinião:

1) Marino de Tiro (4) diz que os comerciantes (através dos quais supomos procederem as notícias das Cassitérides anteriores a P. Crasso) não procura-

(1) Sobre a filologia do estanho, veja-se adiante, e também o nosso trabalho já citado «Metalurgia hispana», 85.

(2) Plínio, *Nat. Hist.* 4, 104.

(3) K. Müller, *Ptol.* 73.

(4) Idem, *ibidem* 1, 2 fin.

vam dizer a verdade, pois estavam dominados pelos interesses do comércio, e por isso exageravam com frequência as distâncias, movidos por jactância ou má fé.

2) Possuímos abundantes provas de que o segredo profissional fenício (duplamente grande, por partir de semitas e ser comercial) era ciosamente guardado, até com risco da vida, como naquele caso, comercialmente heróico, de um navegante cartaginês que regressava das ilhas com uma carga de estanho, e que vendo-se perseguido por outras naveas romanas tomou a resolução de encalhar a sua, para que, encalhando também as perseguidoras, se mantivesse o segredo comercial, tendo sido depois públicamente indemnizado da perda da sua mercadoria (1). Este facto deve ter ocorrido pouco antes da rendição de Gadir, mas quando já os cartagineses tinham perdido a sua talassocracia. «Los carthagineses hundían todos aquellos navios extranjeros que navegaban hacia Cerdeña y las Columnas, lo qual explica que la mayor parte de las noticias sobre las regiones occidentales sean tan poco dignas de fe» (2).

Uma astuta acção psicológica completava admiravelmente a política que acabamos de referir, a qual tendia a manter os púnicos afastados do Oceano: era a propalação dos célebres «terrores oceánicos», de que fala Avieno (3) — a falta de ventos, água espessa, algas abundantísimas, baixios marinhos e terríveis monstros; tudo isto fazia com que a navegação para essas ilhas durasse quatro meses, segundo Himilcão. Alemany (4) referindo-se às Ilhas Oestrímnides, que identifica com as Cassitérides, diz: «buen cuidado tuvieron de envolver su situación en el misterio los astutos fenicios, que primeramente las explotaron» (5).

(1) *Estrabão* III 5, 11.

(2) A. Garcia y Bellido, *Fenicios y Carthagineses en Occidente*, Madrid 1942.

*Estrabão* XVII, 1 19.

(3) *Ora Marítima*, v. 120.

(4) J. Alemany, «La Geografía de la Península Ibérica en los textos de los escritores griegos», *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid 23, 1910, 401.

(5) A. Garcia y Bellido, *Fen. y Cart. cit.*, 172.

Estes «terrores» continuaram, e aumentaram na Idade Média: a «mão do diabo», o «pássaro Roc», o «grande polvo», etc. (1). Tão forte era a inércia do terror oceânico, que se verifica ter perdurado pelo menos até o século XII, pois o célebre Idrisi, o Estrabão árabe, escreveu, na sua Geografia (Clima V, parte I): «A primeira coisa que temos a notar é que o mar ocidental desta secção primeira é o Oceano Tenebroso (cuja descrição demos atrás), no qual a escuridão é tão densa, que, à excepção do meio dia, não se distingue coisa alguma. Este mar banha Sintra e Lisboa...» (2).

3) Também o *país dos sicómoros do incenso* (Somália), cujos perfumes eram levados a Tebas através de um comércio indirecto, foi conservado secreto pelos egípcios durante largo tempo, até que se tornou conhecido pela célebre expedição da rainha Hatshepsut, da XVIII dinastia (3).

Igualmente se explica, ou poderá explicar-se, por ocultismo comercial o silêncio mantido por gregos e romanos acerca do estanho, posto que fosse escasso, da Ibéria do Cáucaso e da Geórgia, e sobre as antiquíssimas e ricas minas de cobre de Wadi Maghara (Sinai); o do estanho cretense, pelos gregos; o do estanho gaulês (possivelmente porque já não se explorasse) pelos romanos (4); o da localização exacta das gigantescas explorações romanas dos riquíssimos jazigos de ouro da *Gallaecia* e da *Asturica*, especialmente as Médulas de Puente de Domingo Flórez, na *Asturica*; etc.

Por meio do segredo comercial ocultavam também os intermediários lígures a procedência do âmbar. «Les peuples occupant la Grèce à l'Âge du Bronze recevaient l'ambre, d'un côté, par la Mer Noire et,

(1) Adela Gomez, «Conocimientos geograficos en la Edad Media», *Boletín de la Real Sociedad de Geografía* 85, 1949, 105.

(2) E. Saavedra, «La Geografía de España del Edrisi», *Boletín de la Real Sociedad de Geografía* 27, 1889, 167.

(3) G. Maspero, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, Paris 1835, II, 245.

(4) Frédéric de Rougemont, *L'Âge du Bronze ou les sémites en Occident*, Paris 1866, 87-89 e 91.

de l'autre, par l'Adriatique. Les ligures pour s'assurer les profits de ce négoce, en cachaient les secrets à leur clientèle avec un soin jaloux, de même que les Phéniciens s'efforçaient plus tard de laisser ignorer aux Hellènes la vraie provenance de l'étain et la situation des Cassitérides. De là, les erreurs et les variations des géographes et des historiens sur la provenance de ces précieuses matières». Por isso o *Eridano*, o rio do âmbar, era identificado pelos autores gregos umas vezes com o Pó ou com o Ródano, e outras com o Elba ou o Vístula (1).

Segredo comercial semelhante ao púnico repete-se, na Idade Média e na Renascença, com o comércio da seda da China, com a manufatura da seda e jóias das oficinas reais de Bizâncio, com o fabrico dos belíssimos vasos de vidro das oficinas instaladas na Cidade de Veneza, etc.

Por outro lado, durante a Idade Média, a deficiente cultura dos comerciantes exercia contudo influência: «Las visitas que, con objecto mercantil, llevaron a cabo, y que se extendieron hasta las misteriosas regiones del Lejano Oriente, dieron lugar a una visión muy subjetiva de tales países, ya que la falta de cultura de mercaderes y marinos no consentía otra cosa» (2).

4) Uma evidente comprovação do nosso ponto de vista é-nos facultada pelo seguinte caso moderno de ocultismo (geográfico-político, e não geográfico-comercial, mas com processos e consequências semelhantes): Em 1567, Alvaro de Mendaña, sobrinho do Vice-rei do Perú, descobriu a ilha central do grupo das Salomão, Guadalcanal, Wake e as Marshall, mas não lhe foi possível colonizá-las porque os indígenas eram «caçadores de cabeças». Voltou em 1595 com 500 homens e com animais, para fundar três cidades fortificadas, mas dentro em pouco, devido a desinteligências entre os chefes e à morte de Mendaña, foram as ilhas abandonadas. Dez anos após a primeira viagem de

(1) J. Déchelette, *Manuel d'Arch*, cit. II, 19.

(2) J. González Yubera, *Viajes de Benjamín de Tudela, 1160-1173*, Madrid 1918, 13.

Mendaña, estendeu Drake as suas incursões pelo Pacífico, e Pedro Fernández de Quirós, chefe que regressara a Manila quando do abandono das ilhas, *exortou o seu governo a que ocultasse os seus descobrimentos, pelo que as Ilhas Salomão se mantiveram perdidas durante dois séculos, julgando-se que estavam situadas a centenas de milhas a Oriente da sua verdadeira posição*, ao mesmo tempo que a tradição lhes imprimia o carácter de uma autêntica miragem. Vários exploradores avistaram posteriormente as Salomão, mas sem conseguirem identificá-las, por exemplo Bougainville, que viu e deu o nome a duas delas. O francês Bouâche identificou-as em 1781 (1). Devemos confessar que um especialista de História da América, a quem consultamos, não pôde confirmar-nos o facto da ocultação.

#### IV — Outras fontes

**Eratóstenes** não inclui na sua Carta as Cassitérides, porque, para ele, o ocidente da Gália era o ponto extremo da Europa. Esta exclusão favorece a nossa localização e opõe-se à das Cassitérides na Bretanha, pois, se assim não fosse, provavelmente este autor as teria assinalado ali.

**Heródoto** (III 115), depois de confessar as suas dúvidas a respeito do extremo ocidental da Europa, é este o primeiro autor que cita as Cassitérides. Uma profunda análise do matiz da sua frase «nem sei que existam as ilhas Cassitérides, das quais nos vem o estanho» (traduzida e interpretada de ânimo leve por todos os autores que consultamos), mostra que Heródoto desconfiava de tais Cassitérides, mas somente de que fossem autênticas ilhas, pois afirma categoricamente que delas procedia o estanho que os gregos recebiam. Sem dúvida que o segredo púnico já teria obscurecido a situação delas. Schulten (2) exita entre identificar as Cassitérides de

(1) Vide *Meridiano*, Fevereiro de 1947, 187.

(2) *Fontes Hispaniae Antiquae* I, 85.

Heródoto com as ilhas situadas entre a de Sein (8 quilóm. a O. da Pointe du Raz) e a de Ouessant, ou com «as Británicas». É nossa opinião que, na realidade, só poderíamos entrar aqui em linha de conta com as ilhas bretãs, nas quais seria embarcado o estanho de La Vileder (Plöermel, Morbihan), o único considerado de exploração pré-romana (v. infra) (1). No interior da França também existe estanho, na Dordogne, Corrèze, Haute-Vienne, Creuse e Allier (2).

Estrabão (III 5,11), na passagem mais densa sobre este assunto, diz: «As ilhas Cassitérides são dez, e estão próximas umas das outras, avançadas no mar, a N. do Porto dos Ártabros» (Duyo, Fistera). Depois de interessantes notícias sobre os habitantes destas ilhas e sobre a táctica comercial ocultista dos púnicos, Estrabão, num passo obscuro e difícil, geralmente mal traduzido e interpretado (designadamente por Blázquez) (3), conta que «os romanos, depois de numerosas tentativas, descobriram finalmente a rota, e logo que Públio Crasso chegou àquele país, viu que as minas eram trabalhadas a pequena profundidade e que os homens eram pacíficos, mostrando que quem quizesse podia comerciar com segurança naquele mar, se bem que (*esse mar*) é maior que o que separa a (*ilha*) Britânica». Esta última linha, em nosso entender, como também para Haverfield (4), não pode significar outra coisa senão que as ilhas Cassitérides distavam da terra firme mais do que a largura do actual Canal da Mancha. P. Crasso havia herdado sem dúvida dos púnicos o sistema ocultista, posto que o dissimulasse com fingido afã publicitário.

Este Públio Crasso, segundo Unger (5), seria, muito provavelmente, Públio Licínio Crasso, o procon-

(1) L. Monteagudo, «Metal. hisp.» cit., 75.

(2) Bapst, *L'étain*, Paris 1884, 15, apud Montelius, *Die Chronologie der ältesten Bronzezeit in Nord-Deutschland und Scandinavien*, Braunschweig 1900, 210.

(3) A. Blázquez, *Las Casiterides* cit., 51.

(4) *Real-Encyklopädie* cit. X, 2330.

(5) Unger, *Rh. Mus.* 28, 164.

sul da Hispânia Ulterior (96-94), que sufocou definitivamente a sublevação dos Lusitanos (109-94), percorreu e assolou o litoral atlântico <sup>(1)</sup>, tendo morrido em 87 na «limpesa» de silanos feita por Mário, Cina, Carbão e Sertório. Foi o fundador do colossal património de família, provavelmente amealhado na sua maior parte à custa do comércio do estanho das Cassitérides <sup>(2)</sup>. Não parece que Estrabão, nesta notícia, quisesse referir-se ao neto de P. Crasso, também Públio Crasso, filho de M. Crasso, o qual em 82 ajudara Sila contra Carbão cercado em Chiusi, e, sendo legado de César (em seguida triunviro com este), lutou na Aquitânia e venceu os vascones da Hispânia e da Aquitânia aliados; porque, se assim fosse, César não teria passado em silêncio no *De bello Gallico* (II-III) uma viagem tão transcendente como a deste seu legado às Ilhas Cassitérides.

Note-se ainda que o facto de César dizer <sup>(3)</sup>, referindo-se ao Sul da *Britannia* (55-54 a. C.): *nascitur ibi plumbum album in mediterraneis regionibus, in maritimis ferrum, sed eius exigua est copia: aere utuntur importato*, sem mencionar as Cassitérides, nem sequer (o que é estranhável) referir-se ao estanho da Cornualha, que é costeiro, ou ao raro das Scilly <sup>(4)</sup>, favorece a opinião contrária à localização das referidas ilhas na costa inglesa. O estanho da Cornualha começou provavelmente a ser explorado pela segunda vez poucos anos depois do desembarque de César na Grã-Bretanha. Assim se explica que Diodoro <sup>(5)</sup> e Estrabão <sup>(6)</sup> citem a sua exploração e exportação, sem que, por outro lado, se refiram às Cassitérides nesses passos alusivos à Britânia. Admitimos, contudo, que o estanho da Cornualha tenha sido explorado desde os tempos pré-históricos, como assegura Haverfield <sup>(7)</sup>, porém

(1) Masdeu, *Historia de España*, IV, Madrid 1789, 394.

(2) Plutarco, «Crassus», 2.

(3) Cesar, *Commentarii de bello gallico* V, 12.

(4) *Real Encyklopädie* cit., 2331.

(5) Diodoro V 22 e V 38, 5.

(6) Estrabão III 2, 9.

(7) *Real-Encyklopädie* cit., 2329.

nunca antes de 1500 a. C., não se sabendo quando nem a razão por que deixou de ser explorado esse estanho costeiro britânico, conforme se depreende do texto de César.

A família Crasso ou os romanos, que em astúcia igualavam os púnicos e em previsão os suplantaram, julgariam provavelmente oportuno aproveitar a confusão e obscuridade existentes, não revelando a localização exacta das ilhas, tal como procederam com as numerosas jazidas auríferas da Gallaecia e da Astúrica, apesar das repetidas, e por vezes circunstanciadas, descrições de Plínio (1).

Esta mesma passagem de Estrabão (2) apresenta ainda a grande importância de ser muito esclarecedora, porque nela o autor distingue as Cassitérides das ilhas do mar da Britânia (isto é, do Canal da Mancha, e portanto as ilhas de Wight e as Scilly), ao diferenciar o mar onde ficam as Cassitérides daquele que separa a Grã-Bretanha, ou seja o Canal da Mancha, em cujo extremo ocidental estão as Scilly. De facto, se admitirmos a hipótese de que as Cassitérides de Estrabão são as Scilly, encontrámo-nos perante o contra-senso de o comparado (distância desde a costa gaulesa às Scilly, ou seja o Canal da Mancha) constituir também o termo de comparação (o próprio Canal da Mancha).

Outro serviço que, em nosso entender, presta aquela passagem é o de nos esclarecer um outro ponto, quase desconhecido, que julgamos ter sido mal interpretado até agora. Trata-se de um parágrafo do «Discurso do Nilo», de Élio Aristides de Esmirna, típico retórico, sofista e viajante, mas sem espírito crítico nem de investigador, que desempenhou o papel de delegado da cidade de Esmirna junto do Imperador Marco Aurélio, a fim de solicitar a reconstrução daquela cidade muito danificada por um terramoto. Esse texto combate a teoria de Eutimenes e de Éforo (a mesma de Hecateu), segundo

---

(1) *Plínio* XXXIII 67 e XXXIV 156.

(2) *Estrabão* III 5, 11.

os quais as cheias do Nilo eram devidas a este rio receber as águas do Oceano Atlântico, no S. da África (que se supunha muito menos extensa de N. a S.), oceano que ali era de água doce.

Diz **Aristides**: «O mar que se estende em volta da Líbia não é de água doce nem potável; por outro lado o que está em frente de Cádiz é de composição semelhante à do nosso. Em primeiro lugar, este mar não é mais salgado por tal mistura . . . . .aquele mistura-se com este por todos os lados, e não apenas pelo Estreito. Além disso, conforme o testemunho dos navegantes, consta que aquela notícia é uma mentira urdida. Com efeito, agora são muitos os que navegam para além do Estreito, em número não menor que noutros tempos, e não apenas uma ou outra vez, com grandes intervalos, mas, quase diariamente, mercadores e barcos de carga vão e vêm pelos dois mares como se fosse um só e o mesmo, desde que toda esta zona foi considerada aberta e se oferece a possibilidade de por ela navegar, graças ao domínio actual (*romano*) . . . e tão pouco se ouve dizer aos pescadores de Cádiz que o mar Exterior seja doce, nem aos que passaram à grande ilha que está em frente da Ibéria, apesar de, na época própria (*do ano*), lá irem e virem tropas de todas as classes, e a cada passo lá irem também milhares de magistrados e particulares».

Este texto, que Schulten não incluiu nas suas *Fontes Hispaniae Antiquae*, foi publicado e comentado recentemente por C. Alonso del Real (1), o qual, baseado nas opiniões de Carcopino e Dielmeyer, é de opinião que a *μεγάλην νῆσον* deste parágrafo «seria una versión contemporánea del autor, del África y la Mauritania romanas de entonces. Con resonancia de épocas anteriores — desde la segunda guerra púnica y los desórdenes de finales de la República».

---

(1) Carlos Alonso del Real, «Noticias sobre España de Elio Aristides de Esmirna. Notas», *Seminario de Historia Primitiva del Hombre*, Madrid 5, 1950, 16 e 20.

Além de reconhecermos a obscuridade básica do texto, consideramos pouco provável que a referida ilha correspondesse à África ou a Marrocos, por isso que:

1) Nos tempos de Aristides de Esmirna todo o norte de África era perfeitamente conhecido, e a navegação até lá fácil e frequente.

2) Muito antes, já aquelas partes se chamavam respectivamente *Libya* ou *Africa* (1), em sentido amplo, e *Mauritania*. Precisamente (e isso é conclusivo), no princípio desta mesma passagem, cita-se «o mar que rodeia a Líbia»; e, por outro lado, não temos notícia alguma de que nos tempos romanos se considerasse a África como uma «grande ilha».

3) Para, do Mediterrâneo, se atingir a África não era necessário passar o Estreito, como parece querer dizer o texto.

4) Para tal travessia tão-pouco era necessário aguardar uma época oportuna do ano.

Em nossa opinião esta «grande ilha» corresponderia à maior das Cassitérides (La Coruña, ou alguma outra ilha hoje ligada à costa e convertida em ponta de terra), ou melhor, ao conjunto delas. Admitida esta teoria não haveria lugar para as quatro anteriores objecções, porque:

1) Nos tempos de Aristides de Esmirna os ártabros da costa NO. da Corunha estavam muito pouco romanizados, a julgar pelas fortes sobrevivências indígenas, e pelos escassos e pobres restos romanos, à excepção do farol da Torre de Hércules, o que logicamente originava um desconhecimento muito grande da geografia corunhesa entre os romanos, anteriormente a Ptolomeu, desconhecimento intencionalmente reforçado pela vontade de ocultar uma zona tão rica de estanho e de ouro.

---

(1) *Real Encyklopädie* cit., Schmidt, s. v. «Afrika».

2) A «grande ilha» (em singular) pode perfeitamente corresponder ao conjunto das 10 Cassitérides de Ptolomeu, visto que o próprio Plínio diz *complures sunt insulae Cassiterides*, enquanto que posteriormente alude a *ex Cassiteride insula*, no singular (1).

3) Para navegar desde o Mediterrâneo até a costa dos Ártabros, onde situamos as Cassitérides, era forçoso atravessar o Estreito.

4) Dadas as precárias condições da navegação antiga, para uma viagem da envergadura da das Cassitérides, a melhor época, por mais segura, seria a de verão, e assim ficam também explicados os *καθ'ἕκαστοι χρόνοι*.

Para que poucas dúvidas possam restar a respeito da nossa tentativa de localização desta «grande ilha» recordemos o texto de Estrabão referente às Cassitérides atrás analisado (2), e ver-se-á que, tanto esse como o de Aristides, se esclarecem mutuamente.

Com efeito, o grande tráfego de mercadores e de barcos de carga através das Colunas, citado por Aristides, seria provavelmente devido, em grande parte, ao ouro e ao estanho da Gallaecia, a que Estrabão se refere naquela e outras passagens. Aristides afirma que este movimento comercial era devido a os romanos terem aberto ao livre tráfego marítimo as costas, para além das Colunas; ora este parágrafo encerra um conteúdo tão parecido ao de Estrabão (quando este fala de P. Crasso e das Cassitérides) que nos leva a admitir que Aristides provavelmente se tenha baseado nele, resumindo-o e — como é típico dos eruditos romanos — prescindindo de pormenores, que aliás seriam hoje para nós de grande alcance esclarecedor. As tropas, magistrados e particulares que, aos milhares, aportavam à «grande ilha» enquadram-se perfeitamente no mesmo marco da passagem estraboniana.

(1) Plínio IV 119 e VII 197.

(2) Estrabão III 5, 11.

Consideremos, além disso, que em Ciudadela (Teixeiro, a E. da La Coruña) existe um acampamento romano, apenas ligeiramente escavado, e na própria cidade de La Coruña apareceu uma ara (actualmente na paróquia de Santiago) dedicada por um cobrador de impostos. Ambos estes dados arqueológicos, e muitos outros, também arqueológicos ou de fontes literárias e de toponímia que poderíamos citar, se ajustam perfeitamente à existência de uma indústria mineira e de um comércio muito intensos, a que Estrabão e Aristides se referem. Com efeito em todos os tempos, nas explorações mineiras de grande envergadura, foi sempre necessária a força armada, assim como a cobrança de impostos exigida pelos contratos de minas e pelo comércio do minério. Todos estes dados oferecem um ponto de convergência: a localização das Cassitérides na costa NO. corunhesa.

Estrabão diz (II 5, 15): «Em frente a estes (refere-se aos Pirenéus que, para este autor, englobavam também a costa cantábrica), do lado N., estende-se o ocidente da Britânia; igualmente em frente aos ártabros, pelo N., no alto mar, estão situadas as chamadas ilhas Cassitérides, que ficam aproximadamente no mesmo paralelo da Britânia». O facto de Estrabão, nesta importante passagem, situar claramente as ilhas perto ou no mesmo paralelo da Britânia (concretamente no paralelo da sua costa sul), não se opõe à nossa localização na costa corunhesa, o que não deve estranhar-se, visto que, para o referido geógrafo, a latitude da Britânia é tão excessivamente meridional que a sua costa sul chega quase a tocar nos Pirenéus, afastando-se da Céltica (França), muito a oriente, à maneira que a latitude aumenta <sup>(1)</sup>.

Continuemos comentando Estrabão (III 2,9): «O estanho — diz (*Possidónio*) — não se encontra à superfície do solo, como repetem à saciedade os historiadores, mas sim escavando; existe na região dos bárbaros situados a N. dos lusitanos, e nas ilhas

---

(1) Vide o mapa anexo à edição de *Estrabão* por H. L. Jones, Heinemann, London 1917, I, e K. Müller, *Geographi Graeci Minores. Tabulae*, Paris 1855, 11.

Cassitérides, e, por sua vez, é transportado desde a Britânia a Marselha. Diz-se que no país dos ártabros, que são os últimos lusitanos para N.O., a terra contém afloramentos de prata, estanho e ouro branco (porque está misturado com prata), e que os rios arrastam esta terra». Este passo de Estrabão, bem como o de Diodoro, que em seguida estudaremos, procedem de Possidónio, e nos dois se faz perfeita distinção entre o estanho das Cassitérides (que, posto se não diga, seria provavelmente exportado via Cádiz, como nos tempos anteriores) e o explorado na ilha Britânica, que seguramente era o da Cornualha e, como concretiza Estrabão, exportado via Marselha.

**Diodoro (V 38,4)** (*ex Possidónio*) diz, num passo que reputamos de bastante precisão: «Exactamente a N. da Lusitânia <sup>(1)</sup> há muito estanho nas ilhotas (*note-se o diminutivo*) situadas em frente da Ibéria, no Oceano, chamadas Cassitérides precisamente pelo estanho que nelas existe. Por outro lado também da Ilha Britânica é transportado muito estanho para a Gália, que lhe fica fronteira, o qual, a dorso dos cavalos dos comerciantes, atravessa o centro da Céltica e chega aos massaliotas e à cidade chamada Narbona». Aqui, de novo a partícula *δὲ* e os trajectos diferentes seguidos pelo estanho separaram claramente o das Cassitérides do da Britânia. Ao estanho britânico juntar-se-ia, no centro da Gália (caso fosse explorado e exportado, do que não há notícia escrita), o procedente da Armórica (Bretanha francesa), depois de seguir a via do Loire. Observe-se ainda que o verbo *προκειμένας* («situadas em frente a») é o mesmo *πρόκεινται* que Estrabão <sup>(2)</sup> emprega para definir (segundo a nossa interpretação, confirmada pela geologia e pela configuração do terreno) a situação da ilha Ínsua e os esporões de A Guardia, a poucos metros da foz do Minho.

(1) Por Estrabão II 5, 15; III 2, 9; e principalmente III 3, 3 e III 3, 4, sabemos que a Galiza constituía a parte superior da Lusitânia.

(2) *Estrabão* III 3, 4.

Este verbo tem, em grego, tal como a sua versão em castelhano, o sentido principal de—«estar defronte de alguma coisa», mas ao mesmo tempo o secundário de «estar próximo de alguma coisa»; portanto *προκειμένας τῆς Ἰβηρίας* implica aproximação das costas da Ibéria, e, conseqüentemente, distante afastamento de Inglaterra e Bretanha. A preposição *κατά* (*por*), com acusativo, em vez de *ἐν* (*em*), parece indicar que o estanho não era produzido nas próprias ilhas, mas sim na costa próxima, como de facto acontece. A exportação do estanho britânico, conforme Blazquez (55) demonstrou, é naturalmente posterior à expedição de César (v. supra, p. 395), e portanto a passagem alusiva ao referido estanho seria uma interpolação de Diodoro que, na sua *Bibliotheca historica* (história narrativa da Antiguidade) abrangeu o decorrer dos tempos até a guerra das Gálias.

**Mela (III 47):** «*in Celticis aliquot [insulae] sunt, quas quia plumbo [albo] abundant uno omnes nomine Cassiterides adpellant. Sena in Britannico mari Ossismicis adversa litoribus, Gallici numinis oraculo insigni est, cuius antistites perpetua virginitate sanctae numero novem esse traduntur: Gallizenas vocant*». Ora estas Cassitérides não podiam ser outras senão as da costa corunhesa, porque:

a) Mela assegura que ficavam nos célticos, os quais pouco antes (*totam Celtici colunt*) (1) havia situado na costa, desde a foz do Douro até o promontório *Celticum* (*Nerium*, Touriñan).

b) Concordam com a ordem descritiva seguida por Mela, de sul para norte, entre a *Erythia* e outras ilhas da Lusitânia, e a ilha de *Sena* (Sein, 8 quilómetros a O. da Pointe du Raz, Finistère), no mar Britânico (Canal da Mancha e ocidente da Bretanha).

c) Mela incide no mesmo erro de Plínio (2) (vide infra), talvez por ambos terem bebido na mesma

(1) *Mela* III 10.

(2) *Plínio* IV 119 e VII 197.

fonte, usando a denominação de *plumbum* (chumbo) em vez *plumbum album* (estanho), e este último autor situa claramente as Cassitérides na costa galega.

d) Os *Celtici* de Mela não podiam ser habitantes do ocidente das Gálias, pois a estes claramente alude na designação de *Gallici* e de *Gallizenas*.

**Plínio (IV 119):** «*Ex adverso Celtiberiae complures sunt insulae Cassiterides dicta Graecis a fertilitate plumbi [albi] et a regione Arrotrebarum promunturi Deorum VI quas alibi Fortunatas appellavere*». Vários são os erros do erudito mas confiante Plínio, neste parágrafo:

a) Inclui a Galiza na Celtibéria, sendo esta última, na realidade, uma região do interior. Contudo, o facto de as suas Cassitérides serem referidas, sem dúvida alguma, à costa do N.O. hispânico vem confirmar a nossa localização.

b) Usa, como Mela, *plumbi* por *plumbi albi* (v. supra).

c) Situa nos arrotrebas (ártabros) as seis ilhas dos Deuses, que Ptolomeu (1) coloca 30 quilómetros a S.O. da foz do Minho, e que possivelmente corresponderiam às duas Cies ou Sies (*Siguae, Cicae, Siccae* em Plínio) (2) situadas a 38 quilómetros a N. da dita foz.

Plínio (VII 197): *plumbum [album] ex Cassiteride insula primus adportavit Midacritus*». É cronologicamente interessante esta notícia porque o antropónimo *Midácritus* (por *Midócritus*) corresponde a *Μειδόκριτος* nome frequente na Jónia e na Ática, o qual, considerada a antiguidade que justamente lhe é atribuída, autoriza a remontar esta viagem aos tempos da colonização dos calcídios e ródios (sécs. IX-VIII), em que tiveram lugar as primeiras viagens gregas a Espanha, anteriores às dos fócios,

(1) Ptolomeu só cita duas (II 6, 73).

(2) Plínio IV 112.

que começam no séc. VII (1). Esta afirmação categórica da existência de uma ilha Cassitéride no Ocidente confirma a nossa interpretação da passagem de Heródoto (2) (v. supra). E devemos ter em conta que a notícia que nos dá Plínio é bastante mais antiga do que a fonte utilizada por Heródoto, o que aumenta o valor da passagem daquele.

Plínio (XXXIV 156): «*Sequitur natura plumbi, cuius duo genera, nigrum atque candidum. Pretiosissimum candidum a Graecis appellatum cassiteron, fabuloseque narratum in insulas Atlantici maris peti, vitilibusque navigiis circumsutis corio advehi. Nunc certum est in Lusitania gigni, et in Gallaecia*».

Traduzimos: «A seguir trataremos da natureza do chumbo, do qual existem duas espécies — o negro e o branco. O mais valioso é o branco, a que os gregos chamam *cassiteron*, que, segundo a fábula, se ia buscar a umas ilhas do Oceano Atlântico, e se transportava em barcos de vime revestidos de couros cosidos. Actualmente há a certeza de que é produzido na Lusitânia e na Gallaecia».

Interessa sumamente este parágrafo, porque vem confirmar a suspeita de Heródoto (v. supra) acerca da existência das Cassitérides como ilhas, isto é, relativamente grandes e no alto mar. É lógico supor que se estas ilhas tivessem realmente existido em tais condições, mesmo que localizadas com certo erro pelos primeiros informadores, Plínio e as restantes fontes tê-las-iam identificado e noticiado; mas, pelo contrário, todos coincidem em não dar uma pista clara, que nos permitisse localizar tais ilhas em pleno Atlântico, ou então (o que implica ainda maior inibição), atribuem-nas ao domínio da fábula. No próprio Plínio, muito mais noticiarista do que investigador, temos o exemplo destas duas formas de transmissão da notícia: em IV 119 e VII 197, considera as Cassitérides (ou a Cassitéride) como verdadeiras ilhas,

(1) A. Garcia y Bellido, «Las primeras navegaciones griegas a Ibéria, (S. IX-VIII A. de J. C.)» *Archivo Español de Arqueología* 1941, 100.

(2) *Heródoto* III 115.

ao que parece no alto mar, no Atlântico; por outro lado, em XXXIV 156, considera inteiramente fabulosas a índole e a situação de tais ilhas. É indiscutível que muito obscura devia ser para os antigos escritores a localização destas pretensas Cassitérides, quando Plínio, neste parágrafo, fala separadamente do estanho delas e do da *Gallaecia*, em cujo recanto NO. se encontravam os ártabros, tribo à qual pertenciam as chamadas Cassitérides. Estas, segundo a nossa interpretação, correspondem às penínsulas, ilhas e ilheus junto da costa ocidental corunhesa, e também possivelmente, por extensão, às zonas de esta mesma costa, onde existiam as principais jazidas e feitorias do estanho galaico. Por outro lado, da afirmativa da existência de estanho na *Gallaecia*, em seguida à citação do das Cassitérides, resulta certa relação íntima entre as duas procedências, enquanto que da referência à costa ou ilhas bretãs e britânicas se deduz naturalmente: 1.º) que estas nada tinham que ver com os lugares a que se dava o nome de Cassitérides: 2.º) que o estanho das ilhas bretãs e britânicas era pouco ou nada explorado.

Com relação a Élio Aristides de Esmirna vide supra (pág. 397).

**Solino (Polih. 26,6)** nada mais fez do que repetir Plínio.

**Dionísio Periegeta (561):** «Seguidamente, ao pé do promontório Sacro (*cabo de S. Vicente*) chamado a cabeça (*o começo*) da Europa, onde fica a pátria do estanho, encontram-se as ilhas Hespérides (*Ocidentais*) habitadas pelos abastados filhos dos famosos iberos». Prisciano (107) traduz do grego a passagem anterior, contendo alguns erros. O Periegeta, e portanto Prisciano, equivocaram-se ao atribuírem ao promontório *Sacrum* o que deviam ter atribuído ao *Nerium*, pois junto ao ἀκρὴν Ἰσθμῶν (Cabo de S. Vicente) não há ilhas nem estanho. A confusão pode ter sido devida: 1.º) à conveniência métrica de Ἰσθμῶν por Νερίων favorecida pela semelhança fonética das duas palavras, e porque ambas indicam cabos da Ibéria ocidental: 2.º) ao facto de, para certos autores, a «cabeça da Europa» ser o promon-

tório *Nerium*, ao passo que para outros era o *Sacrum*. Por outro lado, *Κάπηρ Ἐυρωπειέες* é equivalente a Finisterra (*Finisterrae*), cabo a 20 quilómetros a S. do promontório *Nerium*, hoje cabo Tourifian que herdou a importância náutica que teve na Antiguidade. Corrigido deste modo o parágrafo, surge clara a localização destas Cassitérides, perto do Cabo Tourifian, não longe do qual existem de facto ilhas e abundantes e ricos depósitos estaníferos, que, evidentemente, mais ricos teriam sido na Antiguidade.

**Estêvão de Bizâncio**, associando as Cassitérides às minas de estanho da Drangiana (Khorasan, a E. da Pérsia) (1), coloca a *Κασσιτέρα νῆσος ἐν τῷ ὠκεανῷ τῆ Ἰνδικῆ προσεχῆς, ὡς Διονύσιος ἐν Βασιλικαῖς*, o que prova, uma vez mais, o pouco cuidado na exactidão científica de quase todos os escritores da Antiguidade.

#### V — Linguística das designações do estanho

Quanto à obscura raiz de *κασσίτερος*, estanho (palavra já mencionada por Homero), segundo S. Reinach (2) não é índia (skr. *kastira*) nem assíria, mas sim céltica, o que Holder (3) dá como possível; e procede de *Κασσιτερίδες* (4), as ilhas do Estanho, «westlich von Galicien», que significariam «les isles très lointaines» ou «islas agradables». Segundo d'Arbois, para o qual Holder mais se inclina, de *cassi-teri-s* (ir.-*thir*), «igualmente formoso». Segundo Ernault «mais excelente», comparativo da raiz céltica *cast-*, da qual Holder apresenta numerosos derivados.

(1) Cf. *Estrabão*, 724.

L. Monteagudo, «Met. hisp.» cit., 76.

(2) Sal. Reinach, «Létain celtique», *L'Anthropologie* 1892, 274.

(3) A. Holder, *Alt-keltischer Sprach.* cit., s. v. «Κασσίτερος».

(4) Na realidade deu-se o contrário: *Κασσιτερίδες* derivou de *Κασσίτερος*; Haverfield põe dúvidas (*Real-Encyclop.*, cit., 2329).

J. de Morgan (1), num profundo estudo sobre a origem da metalurgia do bronze, distingue na Eurásia cinco centros produtores do estanho: 1.º, Cornualha e Bretanha; 2.º, Malásia continental; 3.º, Yun-nan e Indochina central; 4.º, Altay; 5.º, Austrália. Nota-se nesta divisão a inteira ignorância do autor acerca da riqueza estanífera do NO. hispânico.

Nas quatro primeiras regiões nasceram palavras para designar o estanho, com as quais o autor estabelece os seguintes agrupamentos:

1.º) Indo-europeu ocidental, com palavra de origem celta: cónn. *stean*, lat. *stannum*, polaco *cyna*.

2.º) Semítico (supomos nós): fenício e hebraico *bdil*, irl. *peator*, skr. *patira*.

3.º) Centro-asiático: skr. *kastira*, assír. *kara-zatira*, grego *κασσίτερος*, arábico *qardir* e *qalai*. Na península da Anatólia abunda esta última raiz *kala-* ou *gala-*.

4.º) Malaio: malaio e javanês *timah*, tagalo *tingga*, skr. *tivrah*.

5.º) Caucásico: aware e antzoukh *toukhi*.

Quanto a nós, julgamos mais aceitável a teoria de Hüsing e Pokorny (2) de que a palavra *kassiteros* proceda do povo elamita *Cassi* ou *Kossaei* (cassitas), e a palavra elamítica *Cassi-ti-ra* signifique «procedente do país de Cassi», palavra esta que geograficamente se adaptaria bem à realidade, visto que com facilidade poderia ser tomada como origem do grego *κασσίτερος* e do skr. *kastira*.

Tendem a comprovar esta teoria os seguintes pontos:

1.º) A palavra *kassiteros*, segundo Haverfield (3), não pertence ao grego arcaico, posto que já fosse empregada por Homero.

(1) Jacques de Morgan, *Mission scientif. Caucase. I*, Paris 1889, 17.

(2) *Real-Encycl. cit.*, XX, 2330.

(3) *Idem*, 2329.

2.º) O bronze (cobre com 10% de estanho, aproximadamente) já era muito utilizado no próximo Oriente antes do ano 2000 a. C., quando ainda no centro e oeste da Europa apenas se conhecia o cobre. Todavia, Quiring (1) admite uma Idade Antiga do Bronze (2750-2350) ligada à do Cobre, a partir da III Dinastia egípcia, época de grande apogeu sumptuário e mineiro até 2358, ano em que Sargon I de Akkad aniquilou o antigo império sumério e, simultaneamente, o comércio do estanho. Já também Worsaae era de opinião que a metalurgia do bronze, introduzida por braquicéfalos asiáticos, foi, na Europa, anterior à do cobre (2). Nessa Antiga Idade do Bronze haveria que incluir os objectos de luxo confeccionados deste metal, que aparecem nos estratos inferiores de Thermi (Lesbos), Creta, Ur, Uruk, Kish e Egito (din. III-IV). A cassiterita haver-se-ia encontrado pela primeira vez casualmente, junta ao ouro procedente da lavagem das aluviões, visto serem ambos metais pesados, encontrando-se com frequência juntos na Galiza e na Bretanha. Apesar de tudo, supomos pouco provável esta teoria de Quiring, atendendo ao remoto da época, à falta total de confirmação arqueológica, e ainda porque havia no Oriente outras jazidas mais próximas, de onde poderia proceder o estanho dos bronzes mencionados, por exemplo, Angert e Tillek, na Arménia, Best no Afeganistão, a antiga Drangiana de Estrabão (15, 2, 10), e Arábia. Inclusive, existe estanho em Creta e em Crisa (a O. SO. de Delfos; com chumbo), posto que a ele se não refiram gregos e romanos, o que é estranhável (3).

A derivação como proveniente do nome do monte *Cassius*, pelo facto de este ser estanífero, é uma falsa etimologia de Avieno (4).

---

(1) Quiring, «El país del estaño en la Edad antigua del bronce», *Investigacion y Progreso*, Madrid 1941, 396.

(2) Estácio da Veiga, *Antiguidades Mon. do Algarve*, Lisboa 1889, III 101.

(3) L. Monteagudo, «Metal. hisp.» cit., 74 e 76.

(4) *Ora Maritima*, 260.

## VI — Cassitérides e Oestrýmnides

No nosso trabalho «Cassitérides» (1) apontamos a possibilidade de as ilhas Oestrýmnides, de Avieno, corresponderem às Cassitérides, e estarem portanto situadas no costa norte-ocidental corunhesa.

Hoje, depois de havermos aprofundado o problema (2), temos quase como absolutamente certa esta identificação.

O nome Oestrýmnides apenas figura no poema *Ora Maritima* de Avieno, poeta de fins do século IV A. D. Este poema, dada a psicologia pre-sunçosa do autor (portanto com mais preocupação de aparências, que de rigor científico) e a sua constante e arbitrária interpolação de fontes diversas e de épocas diferentes (desde o séc. VIII? a. C. ao III A. D.) deve ser compulsado com muita precaução, e evidentemente que as conclusões tiradas nunca podem ser seguras. Contudo, o estudo da topografia dos lugares e o cotejo com outras fontes, apoiados na Filologia e na Arqueologia, podem projectar muita luz sobre o problema. É isso o que neste capítulo final pretendemos tentar.

Os versos de Avieno que aqui nos interessam são:

- 85 *hic Gadir urbs est, dicta Tartessus prius,  
hic sunt columnae pertinacis Herculis  
Abila atque Calpe, (haec) laeva dicti caespitis,  
Libyae propinqu(a) est Abi(l)a, duro perstrepunt  
sept[r]ent(r)ione, sed loco certae tenent.*
- 90 *et prominentis hic iugi surgit caput,  
Oestrymnin istud dixit aevum antiquius.  
molesque celsa saxei fastigii  
tota in tepentem maxime vergit notum.  
sub huius autem prominentis vertice*

(1) L. Monteagudo, «Cassitérides» cit., *Emérita* XVIII, 1950, 15.

(2) L. Monteagudo, «Oestrýmnides y Cassitérides en Galicia», *Emérita* XXI, 1954.

- 95 sinus dehiscit incolis Oestrymnicus,  
in quo insulae sese exerunt Oestrymnides,  
laxe iacentes et metallo divites  
stanni atque plumbi. multa vis hinc gentis est,  
superbus animus, efficax solertia,
- 100 negotiandi cura iugis omnibus,  
netisque cumbis turbidum late fretum  
et beluosi gurgitem Oceani secant.  
non hi carinas quippe pinu texere  
et acere norunt, non abiete, ut usus est,
- 105 curvant favelo(s), sed rei ad miraculum  
navigia iunctis semper aptant pellibus  
corioque vastum saepe percurrunt salum.  
ast hinc duobus in sacram, sic insulam  
*dixere prisci*, solibus cursus rati est.
- 110 Haec inter undas multa[m] caespitem iacet,  
eamque late gens Hiernorum colit.  
propinqua rursus insula Albionum patet.  
Tartes(s)iisque in terminos Oestrumnidum  
negotiandi mos erat. Carthaginis
- 115 etiam coloni[s] et vulgus inter Herculis  
agitans columnas haec ad[h]ibant aequora,  
. . . . .
- 146 *post illa rursum quae supra fa[c]ti sumus*  
magnus patescit aequoris (fusi) sinus  
Ophius(s)am ad usque. rursum ab huius li[t]tore  
internum ad aequor, *qua mare insinuare se*
- 150 *dixi ante terris*, quodque Sardum nuncupant,  
septem dierum tenditur pediti via[e].  
*Ophiussa porro tanta panditur latus*  
*quantam iacere Pelopis audis insulam*  
*Graiorum in agro*. haec dicta primo Oestrymnis (est)
- 155 locos et arva Oestrymnicis habitantibus,  
post multa serpens effugavit incolas  
vacuamque glaebam nominis fecit sui.  
Procedit inde in gurgites Veneris iugum  
circumlatratque pontus insulas duas
- 160 tenue ob locorum inhospitas. Aryium  
rursum tumescit prominens in asperum  
septentrionem cursus aut(em) hinc classibus.  
usque in columnas efficacis Herculis  
quinque est dierum. post pelagia est insula

- 165 herbarum abundans ad(que) Saturno sacra.  
 sed vis in illa tanta naturalis est,  
 ut siquis hanc innavigando accesserit,  
 mox excitetur propter insulam mare,  
 quatiatur ipsa et omne subsiliat salum
- 170 alte intremescens cetero ad stagni vicem  
 pelago silente. prominens surgit dehinc  
 Ophiussae in auras, abque Arui(i) iugo  
 in haec locorum bidui cursus patet.

Apresentemos as provas que, em nossa opinião, testemunham com muita probabilidade que Oestrýmnides e Cassitérides são as mesmas ilhas:

1.<sup>a</sup>) Os versos 90 a 98, que muito especialmente nos interessam, dizem: «É aqui se ergue a ponta de um proeminente cabo, chamado *Oestrymnis* pelos antigos, elevada mole de rochoso cimo, completamente voltada para o temperado Meio-dia. Junto à ponta deste cabo estende-se, na frente dos seus habitantes, o golfo Oestrýmnico, no qual se destacam as ilhas Oestrýmnides bastante distantes umas das outras e ricas em estanho e chumbo».

Se confrontarmos estes versos com um mapa detalhado da costa corunhesa, notamos imediatamente que parecem referir-se, com exactidão quase total, ao amplo golfo que começa ao pé do cabo Finis-terra e se estende para oriente, englobando as ilhas Lobeiras. Este cabo é, com efeito uma «elevada mole de rochoso cimo, voltada em toda a sua extensão para o temperado Meio-dia»; na sua ponta ergue-se com áspero declive um elevado monte, contendo no alto as ruínas da capela de S. Guilherme, que teve origem no abrigo rupestre de um anacoreta da Alta Idade Média, e está relacionada com a lenda da *Ara Solis* (célebre templo pagão) e com a prègação do Apóstolo Santiago. Essa capela desempenhou um grande papel, pois era considerada a meta das peregrinações de penitência a Santiago de Compostela.

As ilhas Oestrýmnides podem muito bem corresponder às Lobeiras e a outros ilhéus próximos, todos

situados entre o cabo Finisterra, O Pindo e Quilmas (v. supra a referência à Lobeira Grande, p. 387).

Relativamente à riqueza metalífera destas ilhas (abundância existente, na realidade, na comarca próxima), basta considerar a grande quantidade de estanho que se extraiu, e extrai ainda, das jazidas de Carballo, Santa Comba (em volfrâmio, a maior da Espanha), Noya e S. Mamede de Carnota (esta apenas a 5 quilómetros da Lobeira Pequena). Mas, para que coincidissem em tudo quanto os versos rezam, averiguamos recentemente que, pelo menos certos filões estaníferos da região de Noya, produzem aproximadamente uns 2% de galena argentífera, boa para a extracção do chumbo. Nós próprios observamos incrustações de galena em pedaços de quartzo procedente de Noya.

Com esta riqueza estanífera estava por certo relacionada uma via secundária romana, que se destacava da principal em Padrón (*Iria Flavia*), e se dirigia a Duyo (*Dugium*, Fisterra), passando por Bacariza, Asados, Bealo, Ponte da Barca, Cures, Noal, Noya, Ponte Nafonso, Serres, Carnota, Valdebois, Pindo, Noreira, Barca dos Cregos, S. Crimenso, Miñóns, Brens, Cée, Corcubión e Sardiñeiro. Este caminho, que percorremos em parte, ainda conserva bons troços com grandes lages (romanas), outras mais pequenas (medievais e modernas), por alturas de Cures, entre Serres e Carnota, e entre Valdebois e Pindo. Na Baixa Idade Média era por aí que seguiam os peregrinos penitentes que, depois de se prostrarem ante o Apóstolo, em Compostela, eram obrigados a continuar a peregrinação até à ermida de S. Guilherme, em Fisterra.

2.<sup>a</sup>) Não é razoável admitir — nem para justificá-lo bastariam as indiscutíveis interpolações e variantes do texto e o pouco senso crítico dos compiladores — que Avieno se referisse às costas americanas, imediatamente após ter falado das Colunas de Hércules. Isto é, não julgamos natural que Avieno logo depois do v. 85 (*hic Gadir urbs est, dicta Tartessus prius*), passagem esta que termina no v. 89 (*septentrione, sed loco certae tenent*), passe, no v. 90

e seguintes (*et prominentis hic iugi surgit caput, Oestrymnin*), a referir-se às ilhas da Armórica ou da Cornualha. Já é preciso muito boa vontade para aceitar (e contudo é o menos ilógico e mais admissível, por se tratar de Avieno) que este salte da sua descrição do estreito de Gibraltar para a costa corunhesa. Supomos pois que Avieno, à semelhança do que, segundo as nossas observações, acontece frequentemente com Estrabão, aproximou as duas passagens pertencentes a duas regiões geográficas distintas, atendendo unicamente à semelhança do seu conteúdo—isto é, tratar-se, nas duas, de elevadas montanhas, avançando pelo mar dentro. Mais uma vez, Avieno teria colocado a poesia acima da ciência.

3.<sup>a</sup>) Com a nossa interpretação evitar-se-á a afirmativa de que o mesmo nome de *Oestrymnida* tenha sido aplicado a duas regiões distintas (Bretanha e Galiza), visto que só à Galiza o teria sido, o que aliás é mais lógico e aceitável.

4.<sup>a</sup>) A prova mais importante da identidade entre Oestrymnides e Cassitérides, à qual recentemente chegamos após largas investigações, apresenta uma dupla base, filológica e arqueológica, e é a seguinte:

Os nomes *Oestrymnis* (do cabo), *Oestrymnides* (das ilhas) e *Oestrymnii* (dos habitantes da região) nada têm que ver com os *Ossismi* da Bretanha, como quer Schulten (1), aliás sem qualquer fundamento filológico científico, mas apenas baseado numa ligeira semelhança fonética. Estes nomes, que consideramos seguramente gregos, têm origem na literatura grega, e procedem de *Oἰστρος*, personificação masculina do furor exacerbado (Cf. Furor, Lyssa, Mania). Tal personificação não aparece testemunhada nas fontes literárias conhecidas, mas pode observar-se numa hidria canossina, n.º 3296 do Museu de Munique (2), contendo a cena de uma Medeia posterior a Eurípedes.

(1) *Fontes Hispaniae Antiquae* I, 80.

(2) *Furtw. Reichh.* II, 163, T. 90.

Este *Oistros*, que conduz o carro tirado por grandes cobras, no qual Medeia furiosa há-de fugir, apresenta-se-nos semelhante a uma Erínia, inclusivamente com cabeça feminina, empunhando uma tocha flamejante em cada mão; o seu manto deixa descoberta a parte superior do corpo, cobrindo apenas a inferior e o braço esquerdo. Os cabelos caem-lhe abundantemente e ondulados sobre os ombros, e na frente ondeiam, simétricas, duas serpentes; acima destas, no pódio da edícula, figura o nome ΟΙΣ(Τ)ΡΟΣ.

Que *Oestrymnis*, etc., proceda de *Oistros* está claramente comprovado por Estrabão (1): Διὶ δὲ Κατιπερίδες δέκα μὲν εἰσι, κείνται δ' ἐγγὺς ἀλλήλων πρὸς ἄρκτον ἀπὸ τοῦ τῶν Ἀρτάβρων λιμένος πελάγαι μία δ' αὐτῶν ἐρημὸς ἐστὶ, τὰς δ' ἄλλας οἰκοῦσιν ἄνθρωποι μελάγχλαινοι, ποδήρεις ἐνδεδυκότες τοὺς χιτῶνας, ἐξωσμένοι περὶ τὰ στέρα, μετὰ ῥάβδων περιπατοῦντες, ὅμοιοι ταῖς τραγικαῖς Πουναῖς.

«As Cassitérides são dez, estão perto umas das outras, no alto mar, a norte do Porto dos Ártabros; uma delas é desabitada. Nas outras vivem gentes que, por usarem capas negras, túnicas até os pés, o peito cingido por um cinturão e caminharem apoiadas a um báculo, parecem as Fúrias da tragédia». Atenda-se especialmente ao modo como Estrabão parece estar descrevendo o *Oistros* da hídria canossina.

Estas *Poinai* de Estrabão são, em Ésquilo, a personificação da vingança satisfatória de um delito, a primitiva vingança do sangue. Aparecem frequentemente na literatura, juntas com as Erínias (que perseguem com tochas os culpados), com as quais por vezes se identificam, tal como nesta passagem de Estrabão (2).

Ora bem: as Erínias oferecem dois tipos: 1.º o antigo, de mulheres honestas, de carácter sério e inclusivamente pacífico (tal como *Σευναί* e *Εὐμενίδες*), com o traje feminino corrente, comprido,

(1) Estrabão III 5, 11.

(2) Ilberg in Roscher, *Lex. Myth.* 2002.

sem nenhum atributo do terrível; 2 °) o mais moderno, com o carácter de deusas aterradoras e velozes (relacionadas com as Górgonas e Harpías), representadas com saio curto, serpentes na cabeça, asas nas costas, e com suas botas altas e pernas flectidas, para indicar que vão correndo; sobre o peito dois cinturões cruzados, em bandoleira, e um outro abaixo, horizontal.

Evidentemente as *Poinai* de Estrabão são identificáveis com as Erinias de tipo pacífico, qualidade que o mesmo Estrabão atribui também, na referida passagem, aos habitantes das Cassitérides (*ἀνδρας εἰρηναίους*).

Por outro lado, o topónimo Oestrýmnides, de origem gentilícia, relaciona-se com o costume, bastante frequente entre os navegantes e geógrafos gregos, de baptizarem os povos menos conhecidos com um nome que exprimia uma característica essencial, apelativa, no caso presente o modo de vestir e de caminhar, à maneira das Erinias da tragédia. Eis alguns exemplos deste costume:

a) *Αἰθίοπες*, etíopes, «os de cara tostada», gentilício aplicado geralmente aos negros, que habitavam a parte meridional da Terra, e em especial aos habitantes da Núbia e da costa oriental do golfo Pérsico (1).

b) Os legendários *Ἀυτοφάγοι* da ilha Meninx do Pequeno Sirte, da costa fronteira e da Ilíria (2).

c) Os *Νουμάδες*, númidas de Marrocos, assim chamados pela sua vida pastoril, nómada.

Este cuidado grego de aplicar nomes helénicos de significado conhecido a pessoas ou lugares de nome ininteligível, por ser estrangeiro, reflecte-se em Platão (3), quando, ao dispor-se a descrever a história da Atlântida, diz: «Solon, com intuito de

(1) Estrabão, I 30 ss., 35, 39; II 103. Plínio, V 43.

(2) *Real-Encykl.* cit., Lamer, s. v. «Ἀυτοφάγοι», 1514.

(3) Platão, *Kritias* 112c.

utilizar este relato nos seu poemas, investigou o significado dos nomes das suas personagens, e descobriu que os egípcios, os primeiros que haviam escrito esta história, os tinham traduzido para o seu idioma. E ele mesmo, extraindo a ideia contida em cada um dos nomes, os trasladou para a nossa língua a fim de os escrever».